

UMA FAMILIA DE POETAS

**(TRABALHO LIDO NA SESSAO DE QUINTA-FEIRA, DA ACADEMIA BRASILEIRA
DE LETRAS)**

No dia 28 deste mez, Alberto de Oliveira completaria os seus oitenta e quatro annos de idade.

A passagem dessa data na proxima segunda-feira é motivo suficiente para que na sessão de hoje evoquemos a figura daquelle que foi uma das glórias ma's puras desta casa, a figura daquelle que é um dos nomes tutelares da poesia brasileira.

Pareceu-me um acto de justiça prestar a Alberto de Oliveira, em comimemoração a essa data, uma homenagem de especie nova, homenagem que é bella e que é necessaria, e que, entretanto, até agora não lhe fôrera prestada. E essa homenagem consiste em evocarmos não a sua figura, já tantas vezes lembrada entre tantos eulogios encomios: mas, sim, em evocarmos aquelles que foram seus companheiros d'lectos de toda a vida, os seus irmãos, essa phalange fulgurante de mulheres e de homens, todos dotados de real talento, quasi todos sein excepción poetas.

UM LAR QUE SE CONSTITUE — A POESIA DE SAQUAREMA

No anno de 1848, um rapaz chamado José Mariano de Oliveira e uma linda moçolla de nome Anna Ribeiro de Mendonça, contrahiram casamento.

Elle era nascido em Capivary, Estado do Rio, e trazia nas veias um bom sangue de lusitana. Viria a luz da vida no anno de 1813. Ella nascera em Macahé, em 1832, e pertencia a illustrissima familia muito espalhada no territorio fluminense e em outras provincias do Imperio. D. Anna Mariano de Oliveira, que falleceu em 1919 com oitenta e sete annos, era aparentada de dois gloriosos confrades nossos. Salvador e Lucio de Mendonça.

Esse casal jovem, alegre e feliz, foi residir em Palmital de Saquarema. Aos que não conheciam Saquarema, eu direi que é uma região idílica e suave. Dista tres ou quatro horas de Nictheroy. E' sem duvida um dos recantos mais deliciosos deste humilde planeta em que vivemos. Um genio poetico, perito em coisas amar

vels, se esmerou em ali collocar os scenarios mais lindos. — Ha ali um pedaço do Atlântico, que banha esplendidas praias alvissimas. Ha uma lagoa, que o Oceano invade de vez em quando, como na fúria de umas nupcias prodigiosas. Ha tambem uma colina ondulante, que fica bem a cavalleiro do Oceano e da lagoa. Lá em cima, na graciosa colina, os velhos saquaremenses construiram em outros tempos uma igreja. E nos fundos dessa igreja, recebendo as livres brisas do mar, abriram o cemiterio. Não sei de recanto mais proprio para se dormir o eterno sonno. E não sei de logar onde seja tão suggestivo como ali, ouvir para a eternidade a voz do mar, do mar incessantemente recomeçado, como no verso de Valery.

Naquella terra feliz (onde um poeta ignorando certa vez julgou entrever a sombra de S. Pedro e dos suaves pescadores que enchem de poesia o mais bello dos livros que a mão de um homem jamais escreveu, tanta é a simplicidade e a ingenuidade da vida em Saquarema) ... naquella terra feliz, dizia eu, foi morar o casal.

José Mariano installou-se em negocios de

construcçāo, e ao mesmo tempo se pôz a cultivar uma fazenda que pôde adquirir. Começou a prosperar, vendendo em breve seus campos cobertos de cabeças de gado, vendendo-os também cobertos de boas plantações de assucar e café. Chegou a possuir vinte e seis escravos, que libertou antes de 13 de Maio. Tres desses libertos não qu'zeram abandonar o senhor: e ficaram com elle, mais escravos da sua bondade do que haviam sido escravos dos seus direitos, até a morte.

E pouco a pouco o lar se lhes foi enchendo de filhos e filhas encantadoras. Um dos filhos do casal — aquelle que mais tarde se vai tornar o poeta illustre da familia — tem sempre os olhos voltados para a quadra ingenua e meliga da existencia em Saquarema. E no apogeu de sua gloria, cantará recordando as imagens queridas dos paes, agora envelhecidos. — O poeta regressara á paisagem da infancia e lá encontrara um velho amigo de seu lar. Na conversa, vieram as piedosas evocações...

Lembrou meu pae, meu pae, seu grande amigo,
De quem se me antolhou a alta figura,

O andar pausado, o modo austero e antigo.

— “Não conheci jamais alma tão pura
Como a delle, e tão placida — me disse —
Nem outra foi maior na desventura”.

Minha mãe, tão mudada com a velhice,
Lembrou: farto o cabello se lhe aperta
Então em negras tranças (se ella o ouvisse !)

E' cada face uma papoula aberta,
Cora-as sadio sangue e esse ar sadio,
Que como o sangue, a flor do rosto esperta.

Nossa casa plantada ao pé do rio,
Em frente ao campo, em frente à escura e bella
Serra do norte, de perfil sombrio.

Nossa casa eu ouvi-lhe descrevel-a.
Com a varanda e os compridos corredores,
Quarto de hospede, quarto da capella;

A horta ao pé do engenho, aberta em flores.
Do engenho ao fundo escravos trabalhando,
Remoer de rodas, canticos, rumores...

Essa, a pa'sagem physica e moral de Saquarema, a paisagem em que se formou a alma infantil de Alberto de Oliveira e dos seus irmãos.

A CASA DA ENGENHOCA

Entretanto, não é meu intuito demorar-me mais do que o devido nesses dias gentis de Saquarema. E agora quero encontrar o casal de José Mariano e D. Anna, quando elles, já com a sua familia plenamente organ'zada, estão recidindo em Sete Pontes, na Engenhoca, em Neves, arrabaldes de Nictheroy.

O lar, que ha pouco viamos constituir-se, abrigava agora dezesete filhos, sendo dez rapazes e sete meninas. As moças chamam-se Felismina, Maria, Mariana, Amel'a, Bernardina, que é apelidada Duda, Alzira e Adelia. Os rapazes chamam-se Joaquim, João, José, Alberto, Cândido, que tem o apelido de Dondola, Mariano, que tem o apelido de Cucula, Bernardo, Saturnino, Luiz e Alfredo.

Sem demora, aquella casa torna-se um centro de reuniões literarias interessantissimas. As moças eram espirituosas e lindas. Os rapazes

eram amaveis, talentosos, excellentes camaradas.
— Quem não teria prazer em frequentar a casa
encantadora ?

Além das moças da familia Oliveira, outras
moças tomavam parte nessas reuniões. Uma fa-
milia Souto, de Nictheroy, fazia-se sempre re-
presentar por tres garotas — Izabel, Guiomar e
Francisca. Tambem outra moçolla, Zulmira Aza-
mor, era frequentadora assidua daquellas festas
intimas.

O nosso illustre companheiro, Sr. Rodrigo
Octavio, evocou as tardes agradabilissimas da
casa da Engenhoca. — Lá fôra a primeira vez
em 1884, levado por Bilac. E lá encontrara al-
guns dos mais gloriosos nomes do Brasil in-
tellectual : um Raymundo Correia, um Raul
Pompeia, um Aluizio Azevedo, um Arthur Aze-
redo, um Affonso Celso, um Guimaraes Passos,
um Lucio de Mendonça, um Pardal Mallet, um
Valentim Magalhães, todos tão queridos a esta
casa. Outros rapazes illustres ali appareciam
sempre, como Silvestre de Lima e Alberto Silva
Miguel Couto lá esteve algumas vezes.

Essas reuniões não raro tiveram sua signi-
ficacão, que poderíamos dizer nacional. Muitos

dos sonetos, muitos dos poemas mais bellos do nosso parnasianismo, ali foram pela primeira vez declamados. Estava estabelecido que no ultimo sabbado de cada mez determinados frequentadores declamassem trabalhos ineditos. Algumas das obras primas que Alberto de Oliveira c!nzelou foram ali ditas pela primeira vez. Muitos dos mais bellos versos de Bilac, de Raimundo, de tantos outros, tambem ali e que foram entregues a ouvidos fieis e amoroos. Nessas tertulias intimas, os irmãos de Alberto de Oliveira davam, ora um ora outro, alguma demonstraçao de seu estro.

UMA EVOCAÇÃO DE ARTHUR AZEVEDO

Um dos frequentadores assíduos das reuniões da Engenhoca era Arthur Azevedo. E foi elle, na sua graciosa secção *De Palanque*, quem, pelas columnas das *Novidades*, fixou, em 1887, o aspecto daquella encantadora vivenda de poetas.

Assim escrevia, num trecho de chronica, sob o seu famoso pseudonymo de *Eloi, o heroe*:

"Deve ser muito divertida a casa desses poetas com essa paciência, i-

poetas. em cujo quintal rebenta — quem sabe? — um v̄o de fabulos. Castalia.

Supponhamos que o primeiro a erguer-se do valle dos lençóes seja o Alberto, que entra a passear pela casa declarando com emphase:

"Despertae, meus irmãos; fitão estreito
Surge do sol no oriente luminoso...
Querida irmá, levanta-te do leito:
Vem ver o amanhecer como é formoso!"

Um dos irmãos, sahindo do seu quarto:
"Bom dia, Alberto. Como estás? Passaste
Perfeitamente a noite?"

O Alberto:

— "Um sonho só".

O Irmão:

"Com a pallida musa tu sonhaste?"

O Alberto:

"Vi-a entre nuvens de dourado pó".

Segundo Irmão:

"São horas do café: — que é do café?"

Terceiro Irmão:

"Já café não se toma nesta casa?"

Quarto Irmão:

"A cozinheirainda nãoestá de pé?"

Quinto irmão:

"Já láestá no fogão soprando a brasa". .

Sexto irmão:

"Já tem nas mãos o sacco".

Setimo irmão:

"Justina, traze o meu café bem fraco".

Uma das irmãs, olhando pela janella:

"Que bonita paisagem! Deste lado
As nuvens, as montanhas, o arvoredo..."

Segunda irmã:

"Daquelle, o mar, o velho namorado,
Que a branca praia vem beijar a medo..."

Terceira irmã:

"E tão sobresaltado,
"Eu amo-te" murmura-lhe em segredo".

Quarta Irmã:

"Nestas manhãs esplendidas
Alegra-me, Senhor,
O sol abrindo as petalas
Da pudibunda flor..."

AS SENHORAS DA FAMILIA OLIVEIRA

Arthur Azevedo foi talvez exagerado, ao afirmar que todos os Oliveiras eram poetas. A verdade, porém, é que aquelles que na família não eram poetas, tinham o culto estremecido da poesia.

Das senhoras, D. Bernardina, que morreu ha uns oito annos e que era casada com Demosthenes da Silveira Lobo Junior, não escreveu, que me conste, nenhum verso. Sabia, entretanto, todo o seu Raymundo e todo o seu Alberto de cor. Um dos seus irmãos submetteu-a certa vez a um teste de memoria, e poude verificar que ella sabia 379 sonetos. Na mesma occasião,

D. Amelia foi submettida a identico teste: e demonstrou saber sem cavillação 237 trabalhos entre poemas e sonetos; hoje ella declara saber mais de quatrocentos.

Das moças da familia Oliveira creio que apenas duas são poéticas — D. Adelia e D. Amelia.

A primeira é professora e reside na Tijuca, sendo casada com o Sr. Augusto Miranda. Tem escripto, mas tem muito pudor dos seus versos. Não os mostra, nem mesmo aos irmãos.

A NOIVA DE BILAC

D. Amelia tambem tem um extremo ciúme dos seus versos. Em moça, foi noiva de Olavo Bilac, num idyllo encantador, a que se mesclava todo o sortilégio de uma infinita poesia. Bilac, grande amigo de sua família, amigo fraternal de Alberto e sobretudo de Bernardo, passava dias e até mezes na casa da Engenhoca. D. Anna, mãe de Amelia, emobra muito estimasse o poeta, não via com bons olhos o namoro da filha. Porque? Porque tinha horror ás estroinices de Bilac, que suppunha ser o mais desordenado dos

bohemios.

Tenho porém o depoimento de Bernardo de Oliveira, que me assegura que naquelle tempo Bilac era um rapaz de costumes modelares.

O certo é que um dia D. Anna chamou à parte Bernardo, e o encarregou da mais difícil missão: a de fazer chegar ás mãos de Olavo Bilac toda a correspondencia que elle enviara a Amelia. Com o coração dilacerado, Bernardo cumpriu a determinação materna. E desde esse dia elle e Bilac não se falaram mais.

O poeta de *Inania Verba* guardou na alma a triste amargura daquelle sonho de amor, tão cedo dissipado. E sua obra reflecte, em muitas passagens, a saudade daquelle terno idyllo.

D. Amelia tambem guardou no intimo da alma o culto do seu morto noivado com o grande poeta. E seus sonetos, alguns dellos tão formosos, reflectem a magua desas velhos dias de amor, tão cruelmente desfeitos.

Ainda dos tempos da Engenhoca — dos bons tempos talvez do seu idyllo com Bilac — é este soneto, que Arthur Azevedo transcrevia na chronica que acima citei:

NORTE

Quando a hora final da Ave Maria
Deixa o éco voar espaço em fóra;
Nesse momento em que a melancolia
Mais na terra se estende e se demora;

Quando a sombra da noite que apavora
Encobre o sol, escurecendo o dia;
Quando não temos mais da ultima aurora
A doce~~y~~ luz, embora fugidia;

Quando as trevas mais negras vão crescendo
E cobrem toda a natureza; quando
Repousa e dorme tudo em paz — gemidos

Ouvem-se, o espaço inteiro percorrendo...
E' que tristes, no mundo, soluçando,
Vaguelam muitos orações perdidos...

UM QUE NAO È POETA

Como as senhoras, nem todos os homens
da familia de Alberto de Oliveira fazem versos.
Pelo menos, houve, entre elles, uma exceção:

a do primeiro irmão, Joaquim Mariano de Oliveira.

E' elle hoje um ancião de 90 annos. Mora em Nictheroy e é aposentado do Ministerio da Guerra. Sua paixão foi sempre a musica.

Daqui a pouco veremos como, se elle nunca fez versos, soube inspirar a um dos seus irmãos um cantico vivido e poderoso, que tem comum que o fragor de um ardente hymno de guerra.

JOAO RIBEIRO DE OLIVEIRA

O segundo dos filhos de José Mariano e de D. Anna chamou-se João Ribeiro de Oliveira. Estaria hoje com 89 annos. Era professor no Estado do Rio e residia em Saquarema. Era um poeta de veia satyrica e com os seus poemas e os seus sonetos, nenhum dos quaes pude ver, encheu columnas e columnas dos jornaes de S. Gonçalo.

Era tambem um ardente e inspirado orador, tendo conquistado, no exercicio da oratoria na praça publica, verdadeiros triumphos.

Morreu em 1930, no Rio.

JOSE MARIANO DE OLIVEIRA

O terceiro dos irmãos Oliveira herdara o nome paterno. Teria hoje 85 annos. Era engenheiro e foi uma grande figura da sua profissão. Durante vinte annos, foi companheiro de Paulo de Frontin na Companhia de Melhoramentos do Brasil e na Central do Brasil. Nessa ultima empresa, devemos-lhe a construção da linha de penetração a Belo Horizonte.

José Mariano cedo se tornou positivista, e isso o afastou da Poesia, onde poderia ter conquistado um eminente logar. Eloit, o heroi, na chronica sobre a familia Oliveira, já por mim duas vezes citada, dizia delle: "Tambem não conto com o Mariano de Oliveira, mais conhecido pelo seu pseudonymo de Mario. Um desalmado, que pendurou a lyra no salgueiro e entrou para o Positivismo, como se entrasse para um convento de Trapistas".

Mariano de Oliveira foi convertido ao Positivismo por influencia indirecta de Capistrano de Abreu, seu grande amigo. Moraram juntos durante algum tempo, num tempo em que

Mariano era inteiramente atheu. Capistrano o approximou de Teixeira Mendes e de Miguel Lemos, com quem Mariano desde logo intimamente se ligou. Os tres positivistas casaram-se com tres irmãs e foram morar em casas contiguas, que tinham communicações internas. Viviam assim na mais estreita intimidade. Foi Mariano de Oliveira quem construiu a Capella Positivista.

Ao morrer deixou numerosa obra inedita, que somente agora vai sendo publicada. Há pouco saiu um dos seus dramas, *Helote*, dedicado aos celebres amores de Heloise e Abelardo.

Era elle um poeta amavel, que não deixava de ser gracioso. Isso o demonstram os versos que passo a citar, dedicados à boa e meia Maria e que elle, em conformidade cem o Calendario Positivista, datou de 19 de Moysés de 139, isto é, de 19 de Janeiro de 1927.

Eus teu nome, Maria,
Lembra um mundo de poesia.
Vale tesouros de amor.
Pois que em toda a Média-Idade
Era assim que a christandade
Chamava a Mae do Senhor.

Sim, era Virgem tão pura,
Cheia de graça e ternura
Que havia nas cathedras,
Ej amais que se invoca, e
E toda a Terra adorava
Naquelles tempos seudos.

Nunca na luta o guerreiro
Entrava nem que primeiro
Volvesse os olhos ao céo,
Reclinado a exelent Princesa
Isto dize niquem! sempre a
O vanejado trophéo.

Desse culto que crescia
Viu-se portanto Maria
Tornada a Dama commun
Dos corações bem formados,
Que estavam desoccupados
Sem terinda affecto algum.

Por ella em todo o Occidente
Formou-se outro culto ardente
Que todo homem hoje quer,
Culto de affectos e palmas
Que ensina a todas as almas
A adoração da Mulher.

Cada lar faz-se uma nave
Onde esse anjo suave
Se eleva sobre um altar;
Ela é a Mãe e a Filha e a Esposa)
E a terna Irmã carinhosa
Que vom nossa alma encantar.

Quando cresceres, Maria,
Reconhecerás um dia
Que já nesse culto estás.
Pois já tens a mais subida
Adoração escolhida
No coração de teus Pães.

Terna, pura e com essa graça
Que em teus olhares se enlaca
Serás, moça um dia. E após
Serás também respeitada
E com carinho adorada
No culto de todos nós.

Tu serás boa de certo
Ouvindo as vozes de perto
Da terna Mãe do Senhor.
Essa Mulher que a primeira
Conseguiu na Terra inteira
Um culto ardente de amor.

Tendo ficado viúvo, José Mariano conservou
fielmente a saudade de sua companheira queri-
da. Ao completarem-se os trinta e tres annos

da morte dá esperar
onde eu julgo encontro
ção camoneana :



100%



Volta, querida, volta ao lar vazio.
E me acharás aqui qual me deixaste.
Fiel àquello amor que me votaste,
Apenas triste, apenas o ar sombrio.

Trinta annos vi o astlo após o estio
Voltarem ! Tu somente não voltaste !
Tu somente da tumba não tornaste,
Onde foste dormir num chão tão frio.

Como os annos parecem-me compridos,
Esperando que voltes ! Se voltares,
Verás guardados inda os teus vestidos,

Guardados inda sob os meus olhares,
E os teus bilhetes tantas vezes lidos,
E tudo quanto é teu nos seus logares.

A ultima confidencia que esse soneto encerra era puramente verdadeira : José Mariano guardava consigo todas as reliquias que a

amada morta lho havia deixado. Nas vespertas da morrer, ao sentir que o seu fim se appropiava, chamou ao pé do leito o irmão Bernardo e a irmã Amelia, e, indicando-lhes um sacco de velludo, que se achava escondido num desvio do quarto, declarou-lhes que a sua extrema vontade era que aquelle embrulho fosse enterrado consigo... Eram todos os vestidos da morta, todos os objectos miudos do uso della, as cartas que haviam trocado em namorados, em noivos e em casados, que ali estavam reunidos. Seu piedoso pedido foi piedosamente cumprido.

CANDIDO MARIANO DE OLIVEIRA

O quinto dos rapazes da irmandade era Cândido Mariano, o Dondola. Foi professor público, como tantos dos seus irmãos. Mas, ao morrer, aos sessenta annos de idade, era funcionário dos Correios de Petropolis. Deixou versos esparsos, dos quaes não logrei obter nenhum.

MARIANO DE OLIVEIRA

O sexto irmão de Alberto chama-se Mariano de Oliveira. Tem hoje 82 annos e é professor jubilado da

jubilado do Estado do Rio. E' um grande co-nhecedor da lingua portugueza, e o depoimento da sua familia é que o proprio Alberto nunca poude vencel-o em assumptos de grammatica.

A inspiração de Mariano de Oliveira é am-pia, larga e poderosa, como a de Alberto. Tem elle, entre outros, um, poema intitulado *A Minha Mde*, evocação da terra natal de Sequarema, qu-se alcandora á mesma altura de *Natalia*, o poe-ma em que Alberto evoca o mesmo ambiente e a mesma paisagem.

Artista exímio, Mariano de Oliveira é autor de dois admiraveis sonetos sobre Ashaverus, que passo a citar :

I

Meu deserto é sem fim, inexoravel, mudo,-
Cruel, abrasador, quente como um vulcão,
Bardeja nelle o sol e cresta, em torno, tudo.
E o maná de Israel em vão procuro, em vão!

Meu oceanc é sem fim, areal ou mar anhudo,
Tudo é deserto e triste, inferno e solidão.
Arabe sem aduar, ou marinheiro rudo
Sem estrella polar na immensa vastidão,

Vou por este areal em busca de agua pura,
Onde posso beber um pouco de ventura
E esta febre extinguir, e esta sede apagar;
E busco neste mar allivio à minha magua,
Ilha verde a sorrir, por este inferno d'agua.
Onde eu posso dormir, onde eu posso sonhar.

II

Ouvi rugir o vento, indomito, iracundo;
Nos penedos da costa ouvi quebrar o mar,
Como um fantasma errei nas plagas d'
(mundo)
Vendo os dias em treva e as noites sem luar.
Condenado, sinistro, a correr, vagabundo,
Ismael sequioso, a chorar, a chorar.
Nesse immenso deserto o meu olhar profundo
Um oasis buscou, como os olhos de Agar:

A tudo interroguei nesta maldita senda,
E n'nguem se doeu da minha grande dor;
Fitei a vastidão, e sempre esta legenda:

— Caminha ! se tens sede absorve o teu queijo.
Então, aos céos mandei a minha voz tremorosa :
Que mal te fiz, ó Deus? Que mal te fiz, Senhor?

BERNARDO DE OLIVEIRA

A Mariano segue-se Bernardo de Oliveira. Tem 80 annos e foi companheiro de trabalho de Machado de Assis e Arthur Azevedo durante mais de 18. Arthur costumava dizer-lhe :

— Essa gente por ahi pensa que os melhores amigos de Machado de Assis são José Veríssimo e Mário de Alencar. Engano ! A pessoa a quem Machado de Assis dedica maior amizade é você.

Na sua mesa de funcionario, Bernardo de Oliveira escreveu para Machado de Assis assinando mais de dois mil officios, com a sua bela letra. Detalhe curioso : Machado de Assis não queria ouvir falar em machinas de escrever, que reputava um detestavel americanismo. Entre parenthesis, elle tinha outras cogerias do mesmo genero : o telephone, por exemplo...

Em 1934, contando 43 annos de serviço M-
quido, sem umas férias, sem, ma licença, foi
Bernardo de Oliveira aposentado, no seu cargo

... seu cargo
de Director Geral do Ministerio da Viação.

Foi grande amigo de Floriano Peixoto, a quem prestou serviços de guerra e de quem recebeu os titulos de Capitão e Major honorário do Exercito e de Coronel da Guarda Nacional. Foi tambem grande amigo de Pinheiro Machado.

Jornalista em certa phase, foi um dos fundadores do *Correio da Manhã*, orgão em que criou a secção de sports.

Bernardo de Oliveira é um poeta delicado e amoroso, como o vemos neste soneto:

PASSEIO MATINAL

Temos ar, temos luz; vamos, querida,
Por estes campos fóra, em devaneio;
Ha flores no gramado, e o floce enleio
Das aves a cantar; há sol e ha vida.

Que formosa manhã! Tudo convida,
Em dia assim, a um rustico passeio...
E não te assalte o minimo recelo,
Que as serpes por aqui não têm guarida.

— Como te fica bem esta sombrinha!

E ella salta, e ella ri, cantando, e grita,
E a apanhar borboletas vai, caminha.

Nunca a vi, como agora, tão bonita !
Nem senti como agora não ser minha
Aquella que o meu ser enleva e agita.

Esse lyrismo amoroso e delicado elle o exterioriza ainda mais vivamente neste lindo soneto intitulado *Aperto de Mão*, que bem mereceria estar numa das collecções de Alberto de Oliveira.

Na minha grossa mão, rude e calosa,
Detive há pouco a sua mão de neve;
Quasi quebrei aquele brinco leve.
Quasi esmaguei aquela fragil rosa.

E mais rivi naquelle instante breve,
— Breve instante de vida esperançosa —
Do que hei vivido e que viver se deve
Numa longa existencia tormentosa.

E quiz beijar aquela mão... Tremia
Tanto, porém, de estar na minha preça,
Que a deixei livre, como queria.

Sinto agora minha alma em fogo acceso...
Porque fizeste tu.— que fantasia!
Mãos como aquella, oh! grande Natureza!

SATURNINO DE OLIVEIRA

Saturnino de Oliveira, o oitavo da irmandade, falleceu ha uns tres annos. Foi durante algum tempo funcionario dos Correios em São Paulo. Depois regressou ao Rio e aqui se empregou numa casa do commercio. Seu pendor poetico parece ter sido principalmente humoristico.

Mas possuia tambem uma suave inspiração lyrica, como o demonstra este soneto:

DOR MUTUA

— Parte, vae vel-a, fala-me a saudade.
Vae-te encher de ventura junto della;
Vae banhar-te na doce claridade
Do seu olhar. Escuta. Anda. Vae vel-a!

Revela ao mundo o teu amor. Revela
Toda a tristeza que a tua alma invade,

Que te sienta male brinda este proceso
Que obumbral o cito da tua felicidade.

Pedas que ella de ti viviendo cuento
As mesmas pedas que tu sentas. conto
E ouro tudo tambem quando te digo.

Porque se o pensamento tem errania,
A huocai-a, tambem a todo instante
O pensamento delle cui comilgo.

ALFREDO MARIANO DE OLIVEIRA

O decimo irmão do Alberto de Oliveira, Alfredo Mariano, é director da secretaria aposentado da Bibliotheca Nacional. Publicou em 1920 uma *Correspondencia e Critica de Castro Alves* e em 1928 prefaciou uma edição dos *Folhetins de França Junior*. Foi durante muitos annos jornalista, fazendo parte da redacção do *Correto da Manhã*. E' de sua autoria este soneto, escrito em Junho do anno passado, por occasião da data natalicia de D. Alzira de Oliveira, sua irmã:

Outro — se temos todos da poesia
Mais ou menos o dom — versos melhores,
Mais bellas rimas e odorantes flores.
Pode sagrar-te neste bello dia.

Eu, porém, que conheço a sem valla
Da minha musa, que dos d'sseabores
Sabe apenas pintar com negras cores
Os tristes quadros da melancolia,

Isto apenas te dou. Mas, se saudar-te
Venho com o coração no que te mando,
Os desfeitos que vires põe de parte...

Nota que em ponto mais humano acerto,
Neste dia, de longe, te abraçando,
Já que não posso te abraçar de perto.

LUIZ MARIANO DE OLIVEIRA

Propositalmente deixei para o ultimo logar
o nome de Luiz Mariano de Oliveira, que deve-
ria figurar antes do de Alfredo Mariano, por ser
o nono irmão de Alberto.

E' um homem encantadoramente modesto,
esse artista perfeito, a quem Alberto de Oli-
veira confiava a organização das collectâneas
de suas Poesias e a revisão dos seus versos.

Lu'z, que é funcionário aposentado dos
Correios de Nictheroy, quasi nada tem publicado
de seus versos, embora haja largamente escri-
pto. O que guarda em suas gavetas daria para
formar varios volumes.

Foi em sua casa que Alberto de Oliveira
morreu. Já muito perto do transe final, agra-

desido à bondade do irmão que o levara para casa e lhe dera o carinho encantador de sua famillia, Alberto tomou a mão de Luiz, acaricou-a, e disse :

— Meu irmão, você é bom como o pão.

Poeta lyrico é elle, poeta de intensa emoção amorosa. Ouçamos o seu bello soneto *Exstasis* :

Tão vivo amor nos olhos teus fulgura,
Têm os teus olhos tanto brilho agora,
Que quando os cerras surge a noite escura,
Que quando os abres resplandece a aurora.

Tua argentina voz é tão sonora,
Tem acórdes tão cheios de ternura,
Que quando sales todo o mal minora,
Que quando cantas todo o bem se apura.

Tão intenso é o fulgor que se irradia
De teus languidos olhos, grandes, graves;
Tua voz tem tão doco melodía,

Modulações de tal maneira suaves,
Que quando me olhas vejo a luz do dia,
Que quando te ouço escuto a voz das aves.

Ao saber que eu pretendia fazer na Academia uma palestra sobre os irmãos poetas de Alberto de Oliveira, Luiz Mariano enviou-me um dos seus poemas mais caracteristicos — *Arrascada de heroes*. São dezenove estrofes masculinas, que elle offereceu ao mais velho da família, Joaquim, quando este fez os seus 86 annos. E' esta a poesia, onde passam tantas imagens, onde ha tanto mysterio, que tanto diz da vida desses irmãos admiraveis :

E's tu da grande prole o mais antigo,
O mais forte, e autorizo-me a dizer-o;
Da garbosa irmandade o mais amigo,
O foco reflector do Scte-estrello.

Varão sublime de uma estirpe augusta !
Quanta gente te inveja essa pujança.
Essa virilidade herculea e justa,
Que a mocidade hodierna não alcança !

O bastão de commando bem mereces
Desses bravos titans, que aqui te imitam
Desvendando da vida os lances; desses
Outros também que o Empireo agora habitam.

São homens denodados, persistentes,
A prova já de fogo, de almas nobres,
Amigos até a morte, indiferentes
Aos thesouros da terra, honestos, pobres.

Impavidos caminham pelo mundo,
Revezes e perigos afrontando,
Em frente unida, a dois ou tres de fundo,
Alegres e viris cantarolando.

Se este tropeça e soffre, em prompto auxilio
Agrupam-se-lhe em torno os outros todos...
E a afflição se converte em doce idyllo
Pelo melhor dos bemsazejos modos.

E à pugna encarniçada após se lançam.
Vibram armas de multiplos matizes,
Audazes, resolutos; não se cansam
Do pelejar tremendo. E são felizes...

Avançam mais. As rudes atalaias.
Espantadas, os postos deixam, correm
Do campo, a traz deixando as priscas raias...
Adiantam-se os heroes; já cinco morrem.

Avançam sempre. Os barbaros, sombrios,
Ao vel-os frente a frente se apavoram.
Do dorso hirsuto escumam suores frios,
Indecisos recuam, ralvam, choram...

Ao alcance do braço a um delles feres...
Tambem ferido estás, embora ! Avante !
Se outros golpes, como este, mais lhe deres,
Terás prostrado o tetrico gigante.

Avante ! Avante ! Avante ! Abre caminho
Aos teus irmãos ! Se rijo, estoico, forte !
Não desanimes ainda que sozinho
Hajas de pelejar com a treda morte.

Não te poupa o inimigo fero e bruto;
Investe contra ti a cabeçadas,
Como touro bravio; é mau e astuto :
Ataca-o por tua vez a cutiladas !

Alberto, o meigo, o principe dos poetas,
Com toda aquella magica poesia,
Não logrou commover esses athletas,
Elle, que rudes gentes commovia.

Tombou, cantando, no combate insano,
Attingido por golpe de surpresa,
Elle o super-cantor do engenho humano:
O glorificador da Natureza !

E's o guia, o cabeça, o ferreo escudo,
Deesa phalange que repulsa o medo.
Truculento é o cyclope ? Ousado ? Rudo !
Mas por terra tambem rola o penedo.

Mais uns golpes como este, mais um passo,
Mais um arranco e os louros da victoria
Alcansado terá teu destro braço !
Conquistado terás excelsa gloria !

Não ouves de clarins alviçareiros
O toque animador que no ar se espalha ?
E' o cantio triumphal dos companheiros
Que te exhortam do Céo á ardua Batalha.

É o hymno de louvor ao destemido
Mais resistente que ferrenho tronco,
Que as vinga, accommettendo esse atrevido
Seculo deshumano, feio e bronco.

Ela ! Avante, exemplo e honra de uma raça,
Que a ferrugem dos tempos não consome !
Avante ! Se na vida tudo passa,
Na historia ao menos ficará teu nome.

Nessa Arrancada de heroes, Luiz Mariano interpretou fielmente o bello e justo orgulho de sua familia — dessa privilegiada familia de mulheres e homens tão bellamente organizadas, no physico e no espiritual. (1)

CONCLUSAO

Quasi sem me advertir, e apenas seguindo de longe a biographia dos irmãos Oliveiras, verifico que compuz uma verdadeira anthologia de bellos sonetos e de bellos poemas.

Muitos delles são trabalhos que podem homenagear com os do nosso querido confrade morto, com os do poeta lapidar de Rauso, da Janella de

... do poeta rapaz de Juazeiro, da Juazeira de
Julietta e de A Casa da Rua Abílio.

Evocando diante da Academia Brasileira as figuras de todos esses poetas, irmãos de Alberto de Oliveira, lendo de cada um delles algumas estrophes enternecidias ou magistras, crelo que prestei ao artista dos Sonetos e Poemas a homenagem que elle mais estimaria. E para todos nós essa evocação e essa leitura não terá deixado de ser muito util, pois nos auxilia talvez a ter uma nova comprehensão, mais humana e mais commovida, de Alberto de Oliveira.

Na frente do quadro que aqui acabei de traçar, recordando esses numerosos poetas, vemos como que em nova luz a figura do nosso grande confrade. Ella resalta, sem duvida, mais nítida, aureolada de uma luz mais pura.

Percebemos agora que Alberto de Oliveira não caminha solitario, na estrada de sua formosa e altissima gloria. Coroados tambem de um louro imarcessivel, alguns dos seus irmãos o seguem fielmente, na ascensão maravilhosa !...

Mucio Leão

(1) — Acompanhando a *Arrancada de heróes* o soneto *Extasis*, Luiz Mariano escreveu a Bernardo uma carta, que me parece devo transcrever aqui. É a seguinte:

"Em 21 de Abril de 1941.

Bernardo.

Saudes.

Junto quatro sonetos e a *Arrancada de heróes*, que, a meu ver, é a melhor das produções presentes, adequada mesmo ao fim que se tem em vista. Ali, há allusão aos irmãos todos, às idades, à união que existe e sempre existiu na Irmandade, à ferocidade do inimigo (o século) ao abatimento do irmão mais velho. Já ferido e prestes a vencer a luta, aos cinco mortos, ao Alberto, que tombou cantando (na véspera de sua morte ele recitou um dos seus sonetos), atingido por golpe de surpresa (ataque da Urmala) há de tudo, inclusive os accentos tónicos da ultima palavra de cada verso em cada estrophe, bem como a invenção de versos agudos. Os próprios adjectivos não se repetem. Esses versos nossos serão depois publicados, sendo agora lidas numa doute Academia. Por isso mesmo estou desejoso de que a sua publicação seja feita.

éres ou desse que seja citado. De conferência
de domo malgo Muelo, a Arreocada de Arroca,
onde apparecem os des volhinhos da valada pha-
lhage. Não tire tempo para escoitar os des, os
que d'yez temos mandado emprestar à malha